

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS: A FICÇÃO CIENTÍFICA

23 de Julho de 2022

PREDATOR / 1987

O PREDADOR

um filme de JOHN MCTIERNAN

Realização: John McTiernan *Argumento:* Jim Thomas, John Thomas *Fotografia (cor):* Donald McAlpine *Montagem:* Mark Helfrich, John F. Link *Música original:* Alan Silvestri *Direcção Artística:* Frank Richwood, Jorge Sainz *Decoração:* Enrique Estévez *Guarda-roupa:* Marilyn Vance *Efeitos especiais:* Laurencio Cordero, Manuel Cordero (*supervisão*) *Efeitos Visuais:* Michael Bigelow, Joel Hynek (*supervisão*) *Interpretação:* Arnold Schwarzenegger (Dutch), Carl Weathers (Dillon), Elpidia Carrillo (Anna), Bill Duke (Mac), Jesse Ventura (Blain), Sonny Landham (Billy), Richard Chaves (Poncho), R.G. Armstrong (General Phillips), Shane Black (Hawkins), Kevin Peter Hall (O Predador / Piloto do helicóptero), Steve Boyum, William H. Burton, Henry Kingi, Sven-Ole Thorsen.

Produção: Amercent Films, American Entertainment Partners L.P., Davis Entertainment, Lawrence Gordon Productions, Silver Pictures, 20th Century Fox Film Corporation (Estados Unidos, 1987) *Produtor:* John Davis, Lawrence Gordon *Produtor associado:* Beau Marks, John Vallone *Produtor executivo:* Lawrence Pereira *Cópia:* Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35 mm, cor, legendada em português, 105 minutos *Estreia comercial portuguesa:* 11 de Setembro de 1987, nos cinemas Condes, Hollywood e Las Vegas *Primeira exibição na Cinemateca:* 31 de Julho de 2010 (“Cinema na Esplanada: Regresso ao Futuro”).

A sessão tem lugar na Esplanada e decorre com intervalo de 15 minutos

O PREDADOR é um filme de dois géneros cruzados, ou, também pode dizer-se, um filme que começa por se oferecer como um filme de acção e desliza para o terreno da ficção científica, dimensão introduzida por “flashes” em negativo colorido cujos planos vão apresentando a presença subjectiva do monstro antes que nos apercebamos da sua centralidade como personagem. Estes planos psicadélicos surgem primeiramente rápidos, intermitentes, aparentemente desgarrados da linha narrativa que nos leva para o interior da selva com um grupo de comandos liderado pela imponente presença de Arnold Schwarzenegger. Percebemos depois, quando se tornam mais insistentes, por conseguinte mais consistentes como elementos da acção, que nos revelam a presença da ameaça que esse grupo de comandos vai, em termos últimos, ter de enfrentar. Correspondem à visão térmica da criatura, que em campo vemos primeiro como uma “silhueta holograma”, transparente, liquefeita, e descobrimos mutante, materializável numa armadura de aço articulada, robotizada, onde corre um sangue verde fosforescente. Se a criatura sangra, verbaliza Schwarzenegger, então, apesar de extraterrestre, é exterminável. E ele, imponente presença com um currículo muscular atestado e um rol de heróis implacáveis na filmografia, é o homem certo para executar o trabalho.

Neste filme de McTiernan, a sua segunda longa-metragem, os efeitos visuais deram brado e fizeram correr alguma tinta (esteve nomeado para os Óscares nesta categoria, valha isso o que vale). Mas mais do que eles, mais do que a assinatura de McTiernan, PREDADOR surgiu como *um filme de* Arnold Schwarzenegger. Coisa, aliás, que nem as suas sequelas nem os seus sucedâneos foram, como não foram de McTiernan: PREDATOR 2 (1990) e PREDATORS (2010) foram realizados por Stephen Hopkins e Nimród Antal; ALIEN VS PREDATOR (2004) e ALIEN VS PREDATOR: REQUIEM (2007), por Paul W.S. Andersen e Colin e Greg Strause. Schwarzenegger não participou em qualquer deles. De McTiernan, PREDATOR foi o grande primeiro sucesso: o realizador tinha assinado o “modesto” NOMADS em 1986, onde dirigiu Pierce Brosnan, com quem voltaria a colaborar em THE THOMAS CROWN AFFAIR, em 1999, mas foi PREDATOR, onde vislumbrou “um grande filme de pipocas à antiga”, que lhe abriu as portas do sucesso e foi no seu rasto que logo a seguir, em 1988, realizaria a mega-produção DIE HARD, por sua vez o filme que lançou Bruce Willis, e depois THE HUNT FOR RED OCTOBER, de 1990, terceiro dos seus grandes êxitos, desta vez protagonizado por Sean Connery.

Recapitulemos? Para todos os efeitos PREDATOR surgiu portanto como *um filme de Arnold Schwarzenegger*. Nascido para o cinema, vindo das ribaltas do culturismo, com CONAN THE BARBARIAN, pela mão de John Milius, em 1982 (22 anos depois da primeira aparição no grande ecrã em HERCULES IN NEW YORK), Schwarzenegger tomou o seu lugar no cinema de acção de Hollywood nessa mesma década, na onda do furor popular que então partilhou com Sylvester Stallone. CONAN THE DESTROYER, a sequela, foi o seguinte dos filmes que, percorrendo esse seu caminho, Schwarzenegger protagonizou a seguir, chegando depois a THE TERMINATOR (James Cameron, 1984), RED SONJA (Richard Fleischer, 1985), COMMANDO (Mark L. Lester, 1985), RAW DEAL (John Irvin, 1986). O elenco serve para notar que todos estes filmes concorreram para firmar a imagem do super-herói vencedor de combates solitários contra adversários mortíferos, fossem eles um outro homem, um grupo de militares, o exército ou o próprio sistema. PREDATOR não escapa à regra, como não escapa à tecla dos filmes conduzidos a testosterona, mas é uma variação dela. Em primeiro lugar, porque a força a combater não é humana – o que marca a fórmula encontrada do filme híbrido em termos de género – e, em segundo lugar, porque o herói não trava um combate solitário... bem, até ao final, pelo menos, quando Schwarzenegger tem o seu “pas de deux” com a besta a quem pergunta, e a quem ouve como resposta a filosófica tirada, “Que raio de criatura és tu?”. O adversário “à altura” de Schwarzie está na selva, é camaleónico como aquele que o defronta por trás das suas “pinturas de guerra” e camuflado militar, mas vem “from outer space”, destituído da vulnerabilidade humana. É com essas características, misturando as fórmulas vencedoras (de “box office”) de COMMANDO e de ALIENS (James Cameron, 1986), que PREDATOR é imaginado à medida de Schwarzie e encaminhado em direcção a um corpo a corpo final. Mas, enfim, até aí chegarmos, a história é outra e é de grupo, e isso, para o actor, era, na altura, uma novidade.

Foi esse elemento que o seduziu na leitura do argumento de PREDATOR. Aí estava a ocasião de representar inserido num grupo de actores (em cuja escolha esteve envolvido) para dar ânimo a uma história de grupo, liderado pela sua personagem, cujo domínio é indiscutível, que está habituado a situações limite, que tem experiência e engenho bélico e estratégico para lidar com elas. Na dinâmica de grupo que participa do filme, a linha condutora, de acção, uma mortífera aventura na selva, abre espaço a esse “gozo de grupo” talhado no “filme de rapazes”, que a primeira sequência no helicóptero aproveita, mas marca todo o filme, acentuada nas graçolas de caserna (Schwarzenegger sempre reivindicou o humor como traço dos projectos em que esteve envolvido e como esforço de composição) ou nas réplicas “tipicamente masculinas”, não exactamente de gosto refinado, que as personagens atiram como aliviadores de tensão. Não é o melhor de PREDATOR, mas essa dimensão de filme de grupo (masculino – há uma única personagem feminina, a guerrilheira feita prisioneira, mas está longe de ser uma presença decisiva) é esboçada com a intenção de revelar os conflitos emocionais entre personagens envolvidas num combate comum, isoladas do mundo, a braços com um problema que às tantas percebem sobrenatural, acima das suas capacidades de resolução humana. Nesse momento, PREDATOR prepara terreno para o inevitável embate de titãs, Schwarzie e a besta, acentuando, no primeiro, a força sobre-humana e dando, ao segundo, um “humanizado” calcanhar de Aquiles. Assim, ao cabo de uma travessia de sequências espectaculares, com quedas de água e muita lama, tudo se poderá resolver a contento. E, naturalmente, resolve.

Onde McTiernan *entra* e é bem-sucedido, é no modo como encara esta aventura, cerrando-a na vegetação da selva. É dentro dela, filmada como cenário luxuriante e centrípeto, que as personagens se movem percorrendo um caminho que é também um regresso às origens primitivas, como assinala a presença do guerreiro de amuleto ao peito que acaba por se imolar oferecendo-se à fera, cujo carácter sobrenatural entende não poder vencer. A selva de PREDATOR é muito densa, muito cerrada, um cenário que acolhendo um “alien” o devolve como fantasma primitivo. Perante tal desafio, resta a Schwarzie superar-se. Não lhe chegam os músculos nem o rasto de super-herói, há que apelar a uma carga mítica, potenciada pelo “décor” natural que por sua vez reenvia a fantasmas originais. Os elementos conjugam-se, críveis. Não admira pois que o filme se conte entre os seus melhores.